

Queima das Fitas de Coimbra

Uma tradição que vem de 1919

Pedra basilar da realidade académica portuguesa, e até mesmo internacional, a Universidade de Coimbra foi fundada em 1290 pelo rei D. Dinis, com confirmação papal, a 9 de Agosto do mesmo ano.

Alternou o seu funcionamento durante larga época entre Lisboa e Coimbra, tendo-se fixado nesta definitivamente no reinado de D. João III.

Para além de ser uma das primeiras universidades da Europa, projectou também o nome de Coimbra e de Portugal nos círculos internacionais, facultando igualmente a nível interno a formação da poderosa classe dos «letrados» que tanta influência teve no destino político do País.

Como massa dominante, surgem os estudantes universitários, verdadeiros mentores de todo um conjunto de actividades que se arrastam por tempos remotos e cujos ecos se ouvem ainda nos nossos dias. Surgem, assim, organismos oficiais como a Associação Académica de Coimbra, cujo centenário se celebra este ano, além de outras actividades um pouco mais arbitrárias, mas de igual valor em mérito. É este o caso da famosa Queima das Fitas, festividade académica que realça a tradição coimbrã e que culmina com o dia em que os novos fitados queimam o «grelho» (fita estreita em forma de laço com a cor de cada faculdade) substituindo-o pelas fitas largas, próprias da sua condição de finalistas. Aos caloiros é também concedido o que se pode chamar carta de alforria da praxe, deixando, assim, de estar vinculados à vontade dos restantes graus hierárquicos da praxe. É de igual modo nesta altura que se dá por terminado o período de praxe que se volta a iniciar no começo do novo ano lectivo.

Foi a partir de 1899 que se começou a alisar o que, mais tarde, viria a ser a Queima das Fitas, com a realização do Centenário da Sebenta que pretendia ser uma réplica aos centenários comemorados entre 1880 e 1898, no intuito de homenagearem diversas figuras e factos. O ponto comum destes centenários era a sua apresentação pública na forma de um cortejo, com fogo-de-artifício, sarau e touradas. Porém, estas formas de homenagem não eram as mais próprias, uma vez que deturpavam o verdadeiro significado das efemérides. Surge, assim, a ideia da realização de um centenário humorístico, ridicularizando os até então feitos, tomando por base a Sebenta, compilação dos apontamentos

do professor. O Centenário da Sebenta passa a ter, assim, um âmbito crítico de carácter geral e, ao mesmo tempo, particular, já que se protestava contra a exploração dos setenta e sete.

Nos anos seguintes o 4.º ano jurídico organiza festas da mesma espécie e introduz um aspecto inovador: o queimar das fitas que se usavam nas pastas e que eram indicadoras da sua condição de pré-finalistas. A fita é uma consequência das pastas dos meados do século passado que se uniam através de pequenas fitas em três partes. O queimar das fitas acabou por se transformar num acto simbólico, cujo significado assenta no atingir de um objectivo próximo: o término do curso.

Em 1905 realizou-se o Enterro do Grau, em consequência de uma reforma dos cursos universitários que mantinha os graus de licenciado e doutor e abolia o grau de bacharel. Este facto levou a um festejo de estrutura idêntica aos anteriores. No entanto, o Enterro do Grau é mais uma manifestação

a ligar os festejos anteriores ao que viria a ser mais tarde a Queima das Fitas, porque pela primeira vez se registou a participação activa da população de Coimbra, começando a verificar-se que a Queima das Fitas era já uma festa de comunidade com a população da cidade, cuja iniciativa pertencia aos estudantes.

No ano de 1913 um episódio marcou a história das festividades académicas, quando no dia 27 de Maio, devido a um incidente motivado pela Academia, um tenente da guarda ficou sem o boné. Eivados da característica irreverência académica, os estudantes gritavam constantemente: «Olha o boné».

Verificaram-se até 1919 alguns interregnos, condicionados pelas condições políticas, económicas e sociais da época, como por exemplo: a proclamação da República e a Primeira Guerra Mundial.

Mas foi de facto neste ano, 1919, que as celebrações académicas começaram a adquirir a estrutura que conservam actualmente. Pela primeira vez, os pré-finalistas de todas as faculdades celebraram em pleno a festa da Queima das Fitas, para além de se ter dado um

passo importante para a sua edificação.

Cada ano surgiam elementos novos a todos os níveis enriquecedores:

— A Garrafeira, em 1929/30;
— A Venda das Pastas, actividade benemérita, cuja receita revertia a favor do Asilo de Infância Desvalida (hoje Casa de Infância Doutor Elycio de Moura), em 1932;

— O Baile de Gala das Faculdades (hoje Baile de Gala), em 1933.

Com repercussão enorme a nível nacional, a Queima das Fitas rapidamente ultrapassa fronteiras, atingindo níveis nunca antes alcançados por qualquer outra organização do género.

Entretanto, das crises estudantis de 1969 resultou o decreto de luto académico que culminou com a não realização da Queima das Fitas nesse ano.

Em 1972 alguns quarantistas, em plena rebelião ao luto académico, tentaram e realizaram alguns actos comemorativos mas todos debaixo de telha. Houve cartaz e selo, mas não houve cortejo.

Com a revolução de Abril, os conflitos pareciam ter perdido a razão de existir, com o derrube do regime totalitário vigente desde Maio de 1926. No entanto, posições radicais sem conteúdo válido deram origem a confusões, sendo gerações sucessivas de estudantes privadas, por influência de minorias, de expandirem os seus anseios, especialmente consultando a sua festa académica que tudo parecia indicar não se voltaria a realizar.

Mas tal não se verificou e, após um interregno de onze anos a Queima das Fitas, festa de secular tradição, voltou a realizar-se em 1980, no ano anterior, a realização de Semana Académica com a colaboração da Direcção-Geral da AAC

funcionou como uma sondagem à academia e à população da cidade. A franca adesão e o entusiasmo verificados vieram a comprovar que todos ansiavam pelo retorno da Queima das Fitas, pois esta manifestação de alegria estudantil faz parte integrante das tradições de uma Academia que foi imper e tem a obrigação de continuar a sê-lo. E, fazendo as tradições parte do património cultural das regiões onde se encontram, torna-se prioritário fazê-las reviver em cada ano e proporcionar a oportunidade aos estudantes e população de confraternizarem mutuamente.

Cabe a todos nós, geração de hoje e gerações vindouras, zelar pela manutenção de actividades que se apresentam como glorificadoras de toda a nossa Academia.

Sofia Paula Nogueira do Rosário
Comissão Central da Queima das Fitas

Fontes de investigação:

— Arquivos do «Diário de Coimbra»
— Album de recordações da Associação Académica de Coimbra
— Arquivos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra

QUEIMA DAS FITAS DE COIMBRA	
Dia 7 — Quinta-feira 20.00 h. — Encontro confidencial com ex-direitos da AAC Lançamento do livro Álbum de Cartões da Queima Dia 8 — Sexta-feira (Dia do Coimbra) 00.00 h. — Sereia Monumental 01.30 h. — Marchas das Faculdades 09.30 h. — Galerias 10.30 h. — Colóquio: Salas profissionais para jovens licenciados. Que principia a vida? 15.00 h. — Exposição de Plásticos/Fotografia/Obras de Arte Queima das Fitas na História de Coimbra 17.00 h. — Queima das Fitas na História de Coimbra Festa do Centenário Inter-Faculdades no Universidade 21.00 h. — Sarau Académico/Teatro Gil Vicente Animação no Jardim da Serela Dia 9 — Sábado (Dia do ex-Caloiro) 09.00 h. — Galerias 10.30 h. — Abertura oficial do III Encontro Nacional de Estudantes 14.00 h. — Jogos de Academia 14.30 h. — Passado Puzzle Queima/87 15.00 h. — Desfile Musical das Tunas pela Cidade Demonstração de Aeromodellismo (Universitário) Desporto no Montado Torneio de Tênis 16.00 h. — Encontro Internacional de Tunas no Parque do Comendado Desfile de Futebol no Municipal 17.00 h. — Encontro de Rugby (Universitário) 18.00 h. — Demonstração de YAE KWON no Jardim da Serela 21.30 h. — Festival no Parque (Noite de Farol) 22.00 h. — Baile de Gala (Escola Secundária de José Façco) Dia 10 — Domingo (Dia do Velho Doutor) 09.00 h. — Galerias Concursos Especiais para a Garrafeira Início do Raid 2 Cavalos Coimbra - Garrafeira	12.00 h. — Cortejo Estudante — Press de Touro Cortejo Musical no Montado 12.30 h. — Baile de Galerias Origens do Fado e Canções da Garrafeira 15.00 h. — Torneio de Tênis (Universitário) 15.30 h. — Garrafeira — Figueira da Foz Animação no Parque 8 de Maio 17.00 h. — Animação no Jardim da Serela 21.30 h. — Festival no Parque (Noite de Direitos) Dia 11 — Segunda-feira (Dia do Pinelito) 09.00 h. — Galerias 10.30 h. — Vendas de Pastas Mão-de-obra no Teatro Académico Gil Vicente 15.00 h. — Torneio de Tênis Universitário no Hospital (Especialidade em H.U.C.) 16.00 h. — Medicina (Lectura Botânica) 16.30 h. — I Jornadas sobre Praxe Académica e a Ciência de Coimbra 17.00 h. — Animação no Jardim da Serela 21.30 h. — Festival no Parque (Noite de Ciências) Recital de Piano (Teatro Académico de Gil Vicente) 24.30 h. — Sereias de Rua Dia 12 — Terça-feira (Dia do Novo Fitado) 09.00 h. — Galerias 14.00 h. — Queima das Fitas 16.00 h. — Cortejo dos Quarantistas 21.30 h. — Festival no Parque (Noite de Meditação) Dia 13 — Quinta-feira (Dia do Gralhado) 09.00 h. — Galerias 14.00 h. — Concurso para ideias no Baile Parque 8 de Maio 16.00 h. — Chi Dancante — Escola Secundária José Façco 17.00 h. — Animação no Jardim da Serela 21.00 h. — Festival no Parque (Noite de Letras) Dia 14 — Sexta-feira (Dia do Veterano) 09.00 h. — Galerias 15.00 h. — Torneio de Tênis — Jardim da Serela 21.30 h. — Festival no Parque (Noite de Polaco) 24.00 h. — Encerramento da QUEIMA DAS FITAS/87

Noites de luxo no Parque

As Noites do Parque vão ficar famosas no programa deste ano da Queima das Fitas de Coimbra. O coordenador-geral, Paulo Pardal (4.º ano de Direito), e os seus assessores, Zi Tô (4.º ano de Física), Arnaldo Matos (3.º ano de Eng. Civil) e José Augusto (5.º ano de Direito), conseguiram reunir um elenco de grande nível. Assim:

Dia 8 (Noite de Economia) — Peter Petersen, Rádio Macau e Go Graal Blues Band.

Dia 9 (Noite de Farmácia) — Ana Faria e os Queijinhos Frescos, António, Cavasquinhos de Braga e Festival de Folclore.

Dia 10 (Noite de Direito) — Gerotas (Grupo Académico), Mão Morta, Xutos e Pontapes, Supresa, Sereia no rio com a colaboração de Paulo Pardal e Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra.

Dia 11 (Noite de Ciências) — Estudantina (Grupo Académico), Heróis do Mar, Supresa, Rui Veloso.

Dia 12 (Noite de Medicina) — Cândida Branca Flor, Fernando Pereira, Lena d'Água, Supresa.

Dia 13 (Noite de Letras) — Orquestra Pitagórica (Grupo Académico), Ena Pá 2000, Mier de Dada.

Dia 14 (Noite de Psicologia) — Rão Kyo, Jorge Palma, Fados de Coimbra, Encerramento oficial dos festejos.

Também se organizam, em colaboração com o pelouro municipal da Cultura, as animações no Jardim da Serela e festivais de bandas e, em colaboração com o pelouro do Desporto, saltos de pára-quedistas e voo dos A-7 Corsair da Força Aérea.

Organização Estudantil - Queima das Fitas

Queima das Fitas do Porto

Em defesa da praxe

Ao contrário do que acontece relativamente às festividades académicas de Lisboa e Coimbra — que são aqui apresentadas em textos escritos expressamente para o «DN Jovem» por elementos das respectivas organizações —, temos, para falar da Queima das Fitas do Porto, de nos socorrer da revista editada pela sua Comissão Central, já que, apesar das nossas repetidas diligências, não fomos bem sucedidos no desejo de dar um igual tratamento à semana portuense.

A revista, de 40 páginas (algumas em quadricromia, tal como a capa), inclui colaboração das várias escolas superiores, bem como artigos sobre acontecimentos isolados (por exemplo, a visita dos príncipes Carlos e Diana) e evocações de aspectos ligados à Praxe. Transcrevemos duas passagens de um texto não assinado (imputável aos directores da revista, Francisco Lanhoso e Rui Costa):

«A Queima das Fitas, tal como quase todas as actuais manifestações académicas, surgiu a partir da Praxe no seguimento das ancestrais tradições que enalteciam a Universidade Portuguesa. Só neste contexto é que ela pode ser entendida no seu todo, pois fora dele fica reduzida ao vazio de mais

uma festa no calendário turístico da cidade.

Isto não seria dramático se os estudantes não persistissem em imprimir à sua Festa o espírito de A Grande Farra, negando tudo o que ensinaram meses antes aos calouros, talvez por se ter perdido por completo a noção de Queima, da identidade do estudante e de todos os princípios que levaram ao ressurgimento da Praxe.

A Praxe ressurgiu com a Queima; não deverá agora ser institucionalizada a Queima a partir da Praxe?

Um outro cancro que tem vindo a carcomer o espírito académico no seio da Academia, é a tentativa de utilização da Praxe pelos políticos, para fins que lhe são diversos (...)

Dos dois males que nos assolam, o segundo já não é novidade e, sendo assim, é de esperar que os estudantes saibam como lidar com ele. Quanto ao primeiro, talvez seja chegada a altura de fazermos uma breve reflexão sobre o significado da Queima, se não queremos correr o risco de vir a perder gradualmente o seu conteúdo. 1988 assinalará o 10.º aniversário do ressurgimento da Queima. Preparo-nos pois para o comemorar condignamente».

PROGRAMA

MAIO

3	00.00 h - Serejata 10.30 h - Missa e Benção das Pastas no Sé do Porto 21.30 h - Sarau Cultural no Vale Formoso
4	Dia de Beneficência 22.00 h - Concerto Rock
5	16.00 h - Cortejo 22.00 h - Baile do Grelado
6	15.00 h - Tarde Desportiva no CDUP 21.30 h - Concerto Promenade no Vale Formoso
7	21.30 h - Sarau Recreativo
8	16.00 h - Jogos Académicos 22.00 h - Baile de Gala no Casino de Póvos de Varzim
9	09.00 h - Rallye Paper 17.30 h - Chá Dançante no Casino de Póvos de Varzim
10	11.00 h - Largada de Touros na Cidade de Póvos de Varzim 15.30 h - Garrafeira na Praça de Touros de Póvos de Varzim 22.00 h - Fim de Festa nas Piscinas da SÓPETE - Póvos de Varzim

Durante toda a semana Nabucco aberto para a Academia e uma Exposição na casa D. Hugo

Fim de Festa também na Discoteca D. Pedro - Póvos de Varzim.

PORTO - 1987

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Semana Académica de Lisboa

Partir da festa para a luta

Vários milhares de universitários colocam as suas cidades em polvorosa. São as Queimas, o retorno da tradição perdida e que volta a animar as academias.

Lisboa, Coimbra, Porto e Trás-os-Montes, entre outras universidades, preparam com afinho, e antes dos terríveis exames que rapidamente se aproximam, os seus carros alegóricos, os seus trajes de festa e a inspiração maliciosa e acutilante que caracteriza a crítica estudantil.

Novo carnaval é a Semana Académica de Lisboa, a congénere da de Coimbra e Porto, que no seu terceiro ano de existência tenta colocar-se a par, pelo menos, das suas rivais.

Choram os estudantes da capital pela falta de tradição e praxe da sua cidade. Têm alguns deles organizado uma festa, mas sem o cariz tão marcadamente académico que Coimbra construiu ao longo de décadas.

Mas festa é festa e, se não há serenatas, monta-se um espectáculo de tudo no São Luís e resolve-se um problema. Faz-se do cortejo uma guerra de faculdades, ou então esmeram-se no arranjo dos «smokings», dos pais e vão ao baile de gala.

O que interessa é conviver, conhecer os estudantes da outra fa-

culdade, tão longe em distância mas tão perto no espírito.

O porquê da falta de tradição

Há já vários anos que o estudante de Lisboa enterrou a sua capa negra. Deixou de se unir quando era preciso, não só na folia mas também na defesa dos seus interesses. Tal aconteceu porque a cidade cresceu, a sua população aumentou e com ela o distanciamento entre as pessoas. Os estudantes têm agora que se deslocar durante horas e horas para chegarem à sua faculdade que, cada vez mais, lhes exige tempo e disponibilidade para estudar. E, embora alguns pais saudosos contem aos filhos as suas tradições, o «stress» da vida citadina aniquila as pretensões dos mais ousados.

Coimbra, alma dos estudantes, cidade para eles construída e sobrevivendo à custa deles, possui vários condicionamentos que permitem uma vida académica plena: cidade mais pequena; cidade virada para a vida académica; tradição com dezenas de anos; universitários na sua maioria deslocados e mais unidos para a luta contra o isolamento; universitários com mais tempo disponível para a praxe. Daí que a capital esteja mais

desfavorecida e sem grandes hipóteses, até agora, de viver com os estudantes.

O presente

Actualmente muitos dos dirigentes associativos sentem a necessidade de fazer reviver a tradição perdida. Ou porque necessitam de fazer algo para além da sua associação ou porque sentem ciúmos das outras academias, esses líderes universitários propuseram-se, há dois anos, organizar algo que despertasse os anseios adormecidos. Criaram a primeira Semana Académica, conseguiram reedificá-la e agora apostam na melhoria da sua qualidade. No meio criou-se a Associação Académica de Lisboa, federação de 27 associações de estudantes que pretende unir os esforços e ajudar a engrandecer a imagem da Academia de Lisboa.

Toma-se assim a Semana Académica a maior organização da AAL com ela pretende-se mostrar à cidade que há universidades em Lisboa. Pretende-se manter o espírito das anteriores semanas e começar a criar tradição — porque para haver tradição é preciso criá-la e já agora... Pretende-se unir as associações de estudantes de Lisboa, despartidizá-las e académizá-las. Pretende-se partir da festa para a luta.

O futuro

«É já hoje. Porque para amanhã não há tempo. A vida dentro de uma faculdade, para o estudante universitário, é efêmera, de quatro a seis anos.

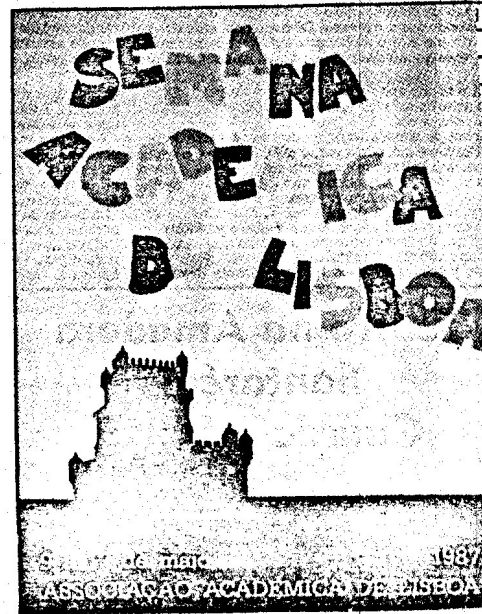
Amanhã ele não pode destrufar o que hoje cria. No entanto, ele terá que produzir cada vez mais para os outros, produzir uma tradição à força, porque dela necessita. Produzir estruturas e respeito que permitam que tome posições de diálogo ou reivindicativas, que possam levar por diante os seus propósitos pedagógicos, económicos, culturais ou outros. Precisa soltar o seu grito de lpiranga e mostrar que será ele que no futuro decidirá.

Vamos todos lutar por isso, universitários ou não, para bem da Academia...

... e do País.

Alexandre Valentim
Loureço.

Comissão Executiva da III Semana Académica de Lisboa, Direcção da Associação dos Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa



Organização estudantil - Queima das Fitas

SEMANA ACADÉMICA DE LISBOA

Dia 9 — Sábado

09.00 h. — Torneio Universitário de Ténis de Mesa (ISCAL)
09.30 h. — Torneio Universitário de Pólo Aquático (Piscina do Técnico)
13.00 h. — Almoço de Abertura (Cantinha Velha)
22.00 h. — Convívio (Cantina Nova)

Dia 10 — Domingo

09.30 h. — Torneio Universitário de Pólo Aquático (ISCAL)
12.00 h. — Festival de Culturas (Pátio Alfacinha)
14.30 h. — Festival de Folclore (Rossio)
21.30 h. — Noite de Fado (Teatro S. Luís, com Tony de Matos, Maria da Luz Sá da Bandeira e Carlos Zel)

Dia 11 — Segunda-feira

13.00 h. — Cortejo Académico — Terreiro do Paço, Fiosso, Restauradores, Marquês de Pombal, Av. Fontes Pereira de Melo, Saldanha, Campo Pequeno, Entre-campos e Reitoria
21.00 h. — Sarau Académico (Aula Magna)

Dia 12 — Terça-feira

09.30 h. — Torneio Universitário de Xadrez
21.30 h. — Música Popular (Aula Magna), com Carlos Mendes e Ronda dos Quatro Caminhos

Dia 13 — Quarta-feira

14.00 h. — Corrida de Bicicleta
21.30 h. — Música Moderna (Aula Magna) com Rádio Macau e Afonsinhos do Condado

Dia 14 — Quinta-feira

09.30 h. — Jogos Populares (Cidade Universitária)
14.00 h. — Jogos Populares (Cidade Universitária)
21.00 h. — Música Clássica (Aula Magna)

Dia 15 — Sexta-feira

14.00 h. — Finais Desportivas (Cidade Universitária)
21.00 h. — Garrafeira (Cascais)

Dia 16 — Sábado

09.00 h. — Campeonato Universitário de Asa Delta (Nazaré)
14.30 h. — Campeonato Universitário de Wind-Surf (Tróia)
15.00 h. — Conferência sobre Descobrimientos (Forum Picoas)
22.00 h. — Baile de Gala (Pavilhão de Exposições da Tapada da Ajuda)

Dia 17 — Domingo

09.00 h. — Corrida Pedestre
09.30 h. — Campeonato Universitário de Asa Delta
14.00 h. — Rally Paper
21.00 h. — Arraial Popular (Castelo de S. Jorge)

Chegar, ver e vencer!

Maio de 1985 — Chegar

Um grupo de dirigentes associativos da Academia de Lisboa decide arrancar definitivamente para a criação da Semana Académica de Lisboa.

Baseados na experiência de algumas associações, que já possuíam as suas Semanas do Caloiro e mesmo Semanas Académicas, arrancam, contra a vontade de muitos e lutando com inúmeras adversidades para a criação da nossa festa. Chegava a hora da emancipação...

Fomos acusados de imitadores, fomos acusados de desvirtuadores, contudo a I Semana Académica arrancou e, como podem confirmar todos aqueles que como eu a viveram, venceu!!!

Que lindos dias de festa aconteceram! Pela primeira vez a Academia de Lisboa comemorava algo em conjunto.

Quem não se lembra do «Passeio no Tejo»?

Quem não se lembra dos espectáculos nocturnos?

Quem não se lembra dos gritos recém-criados, muitos deles de «cada escola»?

Quem não se lembra?

Contudo, mesmo com todo este encanto, não se sabia se subsistiria...

Maio de 1986 — Ver

Depois de muitas lutas, depois de muita gente ter duvidado que a Semana Académica

chegaria à sua segunda edição, ela já presente nos apostando na dinâmica estudantil, apostando em que os erros do primeiro ano não fossem repetidos, apostando na edificação da tradição Académica de Lisboa... sem nunca esquecer, contudo, que a festa académica em Lisboa tem que ser vista sob prismas diferentes dos de outras grandes academias — Porto e Coimbra —, apostando na criação de uma festa muito própria...

A II Semana Académica decorre em ambiente de grande euforia que ninguém poderá negar nem ninguém poderá subestimar.

Maio de 1987 — Vencer

Nós assim o esperamos, os estudantes da Academia lisboeta assim o exigem.

Chegou a hora de vencer...

Chegou a hora de construirmos a nossa própria festa...

Chegou a hora de otermos a nossa carta de alforria.

A Semana Académica não pode, contudo, ser somente a festa da Academia; tem que ser também a festa da cidade, pois uma não conseguirá viver sem a outra.

Participem porque a festa não é só nossa, é de todos!

Participem porque a festa não é só da Academia, é da cidade!

E gritemos todos o nosso «efferre-á» da libertação.

Aníbal Fabrica

Comissão Executiva de Semana Académica de Lisboa

Lutar pelo emprego não implica desunião

(...) É de todos nós, estudantes, a responsabilidade da dignificação de estudantes da nossa Academia. Como tal, não podemos só criticar os órgãos de poder, os nossos antepassados, que não souberam preparar o terreno para a nossa acção, é necessário que contribuamos para que se faça melhor, que nos organizemos para que possamos dizer, afinal

estamos presentes, afinal sabemos quem somos e o que queremos, e, principalmente, queremos ser nós a construir o nosso futuro.

Todos nós sabemos, todos nós dizemos, que a luta de hoje é pelo emprego, no entanto isso não justifica a nossa separação, antes pelo contrário é preciso que nos unamos; por isso dizemos que a

Semana Académica de Lisboa é, e será sempre, a imagem da nossa Academia, a imagem de organização e união, ou a imagem de separação e desorganização (...)

Vitor Nunes

e Luís Castelos,
Associação de Estudantes do Instituto Superior de Gestão

Acreditamos no futuro

(...) A preocupação de organizar os estudantes entre si e de fazer ver a esta cidade que possui no seu meio um capital intenso e numeroso, formando cerca de 60 mil estudantes universitários, e disposto a participar no seu desenvolvimento, surge como preocupação primeira da Associação Académica de Lisboa (...)

A cidade e ao País desatento

chamamos a atenção para que acreditem nos jovens universitários e naquilo que no futuro poderemos fazer. Existimos em Lisboa, queremos participar e acreditamos que o podemos fazer! (...)

Faúl Rebelo Gonçalves

Presidente da AAL

Estudantes e Cidade

(...) Esta cidade que nos recebe é grande, e como tal muito nos faz separar, mas se tu, eu, nós hoje, acreditarmos e lutarmos por ser aquilo que de facto somos numa Academia, então não haverá Cidade nem Geografia que sejam razão para nos separar!

Vai ter início a III Semana Académica de Lisboa!!! É a oportunidade soberana de mostrar à Cidade os seus Estudantes, que são muitos, muitos mesmo (...) Vamos ser muitos com vontade de sermos bons.

Luísa Teixeira e Margarida Carochio

Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia

Organização estudantil — Querem das Fitas